



O CUIDADO COMO SENTIDO. AFINAL, HÁ UM SUJEITO?

*Marli Silveira¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que existe uma ética em Heidegger, assim como em Foucault, e que a mesma pode ser auscultada pelo cuidado. No caso de Heidegger, cuidado como *Sorge* e, em Foucault, como “cuidado de si”. A angústia diante da morte, a finitude, como caminho capaz de indicar ao sujeito autêntico um modo de comportar-se no mundo eticamente. O mundo como morada do homem. Em meio a possibilidade, o indivíduo pode recuperar a escolha e ser autenticamente no mundo, assumindo a decisão e ouvindo a voz da sua consciência como testemunho da sua própria existência no mundo, com outros.

Palavras chaves: cuidado, *Sorge*, ética, mundo, decisão

ABSTRAT: This study aims to demonstrate that there is an ethics in Heidegger, as in Foucault, and that it can be auscultada for care. In the case of Heidegger, care as *Sorge* and Foucault as "self care". The anguish before death, finitude as a way able to indicate the subject authentic a way to behave ethically in the world. The world as man's dwelling. Amid the possibility, the individual can recover the choice and be authentically in the world, taking the decision and hearing the voice of his conscience as witness to their own existence in the world with others.

Keywords: care, *Sorge*, ethics, world, decision

INTRODUÇÃO

O presente artigo não tem como propósito fazer uma reconstituição da história do sujeito nas lides do conhecimento humano e seus pressupostos, mas ancorá-lo na proposta da analítica existencial de Martin Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, e da hermenêutica do sujeito, de Michel Foucault, através da sua estética da existência. Muito embora ambos os

¹ Marli Silveira é Mestre em Filosofia (UFSM) e Doutoranda no PPG em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul/RS.



filósofos sejam heterodoxos em suas respostas à questão do sujeito, sustentamos que convergem e se entrelaçam no tocante ao reconhecimento de um sujeito autônomo por meio da basilar disposição do cuidado. Sendo que este último faz um giro em direção ao *Dasein* heideggeriano, incorporando ao poder-saber, o cuidado de si. Como a tese é que o cuidado de si de Foucault está lincado com o *Dasein* enquanto *sorge* (cuidado) de Heidegger, começaremos apresentando o sujeito heideggeriano naquilo que pensamos ser um contraponto vigoroso no percurso de um sujeito capaz de recuperar a própria escolha e assumir suas próprias possibilidades, bem como, antepor-se a um domínio da impessoalidade sem rosto.

O CUIDADO COMO SENTIDO

A temática basilar da obra *Ser e Tempo* é a elaboração sobre o sentido do ser. Para Heidegger, o sentido do ser é o caminho que conduz a adequada colocação pelo seu questionamento, um situar já na esteira da sua definição, ou seja, a compreensão que temos de que algo vem a ser o “é”, é o que conduz para a compreensão do seu próprio conceito. O sentido do ser foi deixado de lado pelas ontologias tradicionais, segundo Heidegger, e aquilo que “num supremo esforço de pensamento, se arrancou aos fenômenos” no filosofar foi trivializado (ST, 1993, 27). Desta forma, “o que, encoberto, inquietava o filosofar antigo e se mantinha inquietante, transformou-se em evidência meridiana, a ponto de acusar quem ainda levantasse a questão de cometer um erro metodológico” (ST, 27-28). A resposta à pergunta pelo ser permanece em uma tradição cujas definições definiram entes e não o ser dos entes.

O ser não pode ser definido por meio de conceitos superiores ou inferiores que definem o ente, também dizer que o seu conceito permanece indefinido não significa que a questão do sentido do ser não deva ser exigida. “A impossibilidade de se definir o ser não dispensa a pergunta pelo seu sentido” (ST, 29). Para se chegar ao ser do ente é indispensável que o ente em questão esteja dado como é em si mesmo e a questão ser assegurada previamente em um modo adequado de acesso ao ente.

Como modo de ser de um ente, o questionamento dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona – pelo ser. Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade do questionar, nós o designamos com o termo *Dasein* (Ser e Tempo, 1996, p. 33)



O *Dasein* é o ente privilegiado sobre o qual recai a analítica existencial, pois é neste ente que o ser está sempre em jogo. O *Dasein* tem que ser ele mesmo, pois é sobre a existência deste ente privilegiado que se mostra a sua essência. Essência na ontologia heideggeriana difere das ontologias tradicionais. Aqui significa o modo básico de existir do ente que tem o modo do *Dasein*. O *Dasein* é essencialmente no modo da existência, assim, não tem propriedades, mas apenas modos possíveis de ser. A essência do *Dasein* está em sua existência. As características constitutivas do *Dasein* são sempre modos possíveis de ser (ST, 77-78). É existindo que o *Dasein* deixa ser o que ele é.

É sendo que o *Dasein* compreende ser e se projeta em possibilidades, é em compreendendo que o *Dasein* tem a visualização prévia da sua existencialidade. É neste ente que o ser está sempre em jogo. O *Dasein* tem que ser o seu poder ser e em sendo está sempre em jogo a própria existência, pois o ser que está sempre em jogo neste ente é sempre “meu”. De alguma forma sempre já se decidiu de que modo o *Dasein* é sempre “meu”, pois é sendo que o *Dasein* pode escolher ser autêntica ou inautenticamente, ganhar ou perder-se. O *Dasein* é, portanto, o ente que se relaciona com o próprio ser e tem nessa determinação sua possibilidade mais própria (ST, 78).

Ser um ser-no-mundo será a condição básica do *Dasein* e isso se deve ao fato de que é no modo cotidiano do relacionar-se consigo mesmo e com os demais entes, que são no modo do *Dasein*, que se constituirá o terreno para a indicação do ser em geral. A noção de constituição ontológica, ou seja, ser-no-mundo, pretende demarcar o solo fenomenal do qual partirá a análise heideggeriana, que ao contrário de situar a compreensão na ótica da atividade racional, de um ente dotado de razão, ou na consciência, a delimita no terreno desta prévia compreensão que o existente humano tem ao relacionar-se com o seu próprio ser e o mundo. *Dasein* e mundo não se aproximam ou se distanciam num relacionamento cognitivo-proposicional, em uma relação sujeito/objeto. Mundo não pode ser lido como conjunto de objetos, entes, que estão aí para serem conhecidos, descobertos, pelo *Dasein*.

Como existencial, o ‘ser-junto’ ao mundo indica um simplesmente dar-se em conjunto de coisas que ocorrem. Não há ‘justaposição’ de um ente chamado *Dasein* a um outro chamado ‘mundo’ (...) Um ente só pode tocar o outro ente simplesmente dado dentro do mundo se, por natureza, tiver o modo do ser-em, se com sua presença, já se lhe houver sido descoberto um mundo (Ser e Tempo, 1996, p. 93)

O *Dasein* é o ente ao qual pertence o modo do ser-em. O *Dasein* está familiarizado com, detém-se a, mora junto de. O ser-em é a “expressão formal” da existência do *Dasein*,



deste ente que possui a constituição ontológica básica de ser-no-mundo. Na sua facticidade, o *Dasein* já se projetou em determinados modos de ser-em no mundo, que dizer, já se lançou em possibilidades como o ter o que fazer, produzir algo, cuidar de alguma coisa, enfim, modos determinados de ser-no-mundo. Ser-em no mundo significará ocupar-se e ou preocupar-se. Ocupar-se não designa que antes de tudo o modo de ser do *Dasein* seja prático, mas primeiramente como cuidado/*sorge*. (ST, 95).

Tornar-se acessível como cuidado não tem a ver com as penas e ou tristezas do *Dasein* tomado onticamente, mas deve ser entendido ontologicamente. É pelo fato da constituição ontológica do *Dasein* ser-em no mundo que o seu ser no mundo pode dar-se como ocupação (ST, 95). Implica que o ser-no-mundo não é uma propriedade que o *Dasein* possui algumas vezes e outras não. Seu ser é no modo do ser-no-mundo, acessível no modo da ocupação. Ocupa-se de entes que não são no modo do *Dasein* e preocupa-se com outros como *Dasein* também é. Heidegger pretende, pelo cuidado, determinar o solo fenomenal que estabelece a originária relação entre o *Dasein* e o ser, da qual podem partir ontologias regionais, análises antropológicas, psicológicas, etc., mas é contudo pelo seu pressuposto basilar ontológico que o cuidado é tematizado.

O todo estrutural do *Dasein* é explicitado como um preceder a si mesmo por já ser-em e sendo em um mundo, já ser junto a outros e demais entes. É por já ser em um mundo que o *Dasein* pode compreender o seu modo de se relacionar com os entes disponíveis no modo da ocupação e com os outros no modo da preocupação. Fica delimitado um terreno ontológico originário, em que o mundo é desvelado pela compreensão dispocional do *Dasein*. O todo estrutural, que é explicitado como a totalidade do ser do *Dasein*, não é apreendido no universo experiencial de um mundo simplesmente dado de objetos, que estão aí para serem descobertos por um sujeito. Tampouco o cuidado é uma unidade que se estabelece via pensamento, mas é uma totalidade que se abre para a compreensão do *Dasein* como a compreensão mesma do seu ser, em que é impossível separar as estruturas existenciais do modo de ser do *Dasein*, sendo a angústia a disposição capaz de abrir o *Dasein* para suas possibilidades mais autênticas, ou mesmo para sua inautenticidade.

Heidegger tematiza as modificações da autenticidade e da inautenticidade como os dois modos básicos da existência do *Dasein* no mundo, não havendo sobreposição, pois sendo dois modos básicos da existência, não pretende-se por meio deles estabelecer uma pedagogia de princípios a serem seguidos pelo *Dasein*. Por oportundo, no modo inautêntico, o *Dasein*



não se abre para as suas possibilidades mais próprias, ele se tranquiliza com a aparente possibilidade que se apresenta, porque a cotidianidade mediana da ocupação inviabiliza a abertura autêntica. O que altera é a ocupação como modo de ser do cuidado. Tanto a tranquilidade, como o estar entregue à impessoalidade, em cujo contentamento se apresenta a possibilidade para o poder ser inautêntico, acabada despertando uma atividade desinteressada da ocupação. O *Dasein* compreendendo-se inautenticamente, acaba sofrendo a imposição do impessoal e sem condições de compreender-se a partir de si mesmo, as possibilidades autênticas são obliteradas. “Esse nivelamento das possibilidades do *Dasein* ao que se oferece, de imediato, no cotidiano realiza ao mesmo tempo, uma obliteração do possível como tal” (ST, 260).

O que acontece é que nem sempre está em jogo, na liberdade para escolher suas possibilidades autênticas, um projetar-se da compreensão, e sim um querer tranquilo. Esse querer tranquilo, estar à serviço do impessoal, que é “uma modificação existencial do projetar-se da compreensão” (ST, 260), se dissimula num simples desejar que é característico da impessoalidade, o que ocorre na maioria das vezes. A tendência a compreender-se pela impessoalidade, a seguir sua inclinação a uma apreensão não originariamente desveladora, não está implicada no fato desta encontrar-se simplesmente dada, mas é também uma escolha do *Dasein*. “Se o *Dasein* também afunda numa tendência não é porque uma tendência já é simplesmente dada, mas porque a estrutura completa do cuidado se modificou. Cego, ele coloca todas as possibilidades à serviço da tendência” (ST, 260-261). Na inautenticidade, o estar em jogo do seu ser se prende a determinações que aparecem como exteriores, obliterando sua abertura para o ser mais próprio. Por essa abertura, o *Dasein* se orienta pelas determinações cotidianas, tranquilas e familiarizadas com o modo de ser do impessoal. Nesse modo, o cuidado é cego e cego coloca as possibilidades do *Dasein* à disposição da tendência a viver impropriamente.

A inautenticidade, mesmo sendo um modo próprio, acaba modificando a própria estrutura do cuidado para atender o tipo de compreensão que está em jogo. É a autenticidade, o modo próprio de existir, que permite ao *Dasein* compreender-se em sua totalidade originária. O cuidado aí compreendido é o autêntico, aberto pelas próprias determinações existenciais, distante do falatório e da tranquilidade do impessoal. É através da autenticidade que se chega ao ser do *Dasein* originariamente, quando a estrutura do ser do *Dasein* não é modificada pela impessoalidade, mas apreendida pela compreensão originária de ser.



No cuidado autêntico, a *Dasein* se compreende como um ser projetado e o fato de ser-no-mundo junto a outros e entes abertos a partir do contexto referencial que se encontra. Os outros (e também os entes intramundanos) com os quais o *Dasein* se encontra no mundo, são por intermédio da autêntica abertura compreendidos como cooriginários ao *Dasein*. Compreende, o *Dasein* autêntico, os outros como outros que como se ele se abrem no mundo em suas próprias possibilidades. Não implica que a compreensão do cuidado autêntico seja tirada da sua experiência no mundo, como resultado do seu convívio e ou coexistência, mas vem à tona como compreensão pré-ontológica, como genuína compreensão que o próprio *Dasein* tem de si mesmo.

Será no parágrafo 54 de *Ser e Tempo* que Heidegger irá introduzir o fenômeno da consciência¹ à abertura autêntica de mundo, sendo que a autenticidade é uma

1- Heidegger preferirá usar o termo “testemunho” em vez de consciência porque traz consigo elementos da tradição que poderiam levar a uma má compreensão daquilo que ele tem em mente quando se trata deste fenômeno originário.

modificação existenciária do impessoal. “O ser-si-mesmo em sentido próprio determina-se como uma modificação existenciária do impessoal(...)” (ST, II, 52). Enquanto modificação possibilitada pela compreensão originária do *Dasein*, deve ela realizar-se como uma recuperação da escolha. Recuperar a escolha para o si-mesmo requer que o *Dasein* saia do impessoal, onde todos e ninguém são a mesma pessoa. Escolher a própria escolha implicará, inicialmente, que o *Dasein* se mostre a si mesmo através das suas próprias possibilidades. E para que isso ocorra, é necessário que o *Dasein* tenha consciência do seu si mesmo, uma vez que seu poder-ser si mesmo é uma possibilidade e, como tal, já é sempre uma possibilidade do *Dasein*.

A consciência é um fenômeno do *Dasein*, está e é no modo de ser do *Dasein* e só se anuncia como um fato para o *Dasein* à medida que ela se dá na existência mesma do ente privilegiado. É sobre o decidir-se pelo seu poder-ser si mesmo que a consciência surge como um fato para o *Dasein*, pois ela dá algo a ser compreendido e o que se abre para ser compreendido são as próprias possibilidades do *Dasein*. “A análise mais profunda da consciência a desentranha como clamor” (ST, II, 54). E isso é possível, porque o clamor que aclama o *Dasein* para o seu poder ser mais próprio, conclama o ser e estar em débito do *Dasein*, estar em débito com suas escolhas. O *Dasein* é conclamado a ser propriamente. O



clamar é silencioso, pois conclama o *Dasein* a sair do falatório público do impessoal. Há um modo apenas de clamor capaz de desviar o *Dasein* do impessoal, esse é o clamor que se abre pela possibilidade autêntica de ser-no-mundo. Desvela-se, assim, a consciência como o clamor do cuidado. A consciência, o querer-ter-consciência, é possível, porque o *Dasein* é cuidado, porque ele pode compreender seu próprio ser como ser de possibilidades.

O *Dasein* pode ser responsável porque pode escolher suas possibilidades mais próprias, escolher e assumir as possibilidades que escolheu. A responsabilidade não corresponde a um agir conforme à compreensão de uma dívida moral, ou de preceitos morais. No plano ontológico, todas as ações são ‘desprovidas’ de consciência, pois de um lado ela não evita a dívida moral - porque só há dívida se ela está ‘fundamentada’ num ser e estar em débito originário e, de outro, está fundada no projeto nulo, estando sempre em débito com outros.

Será que a consciência fala somente de forma indeterminada e vazia sobre um poder-ser mais próprio e não se manifesta com determinação e concretude acerca das falhas e omissões ocorridas e cometidas? Será que a consciência nasce da ‘boa’ ou da ‘má’ consciência? Será que a consciência propicia algo de positivo ou só funciona criticamente? (Ser e Tempo, 1996, II, p. 65)

Discute, Heidegger, sobre a possibilidade de se interpretar a consciência ontológica como padrão de avaliação das ações assumidas no di-a-dia. Questiona sobre uma eventual condição que poderia estar conectada à decisão pelo ser autenticamente, pois é essa consciência culpabilizadora que cobra o *Dasein* autêntico. Aponta caminhos, indica-os.

Michel Foucault quase nada escreveu sobre Heidegger, mas mencionou que

Heidegger sempre foi para mim o filósofo essencial (...) Todo meu futuro filosófico foi determinado por minha leitura de Heidegger. (...) Meu conhecimento de Nietzsche é bem melhor do que o que tenho de Heidegger; entretanto, foram estas as minhas duas experiências fundamentais.(...) (Foucault, 1994, p. 703)

Percebe-se que não apenas pelas raras referências torna-se difícil aproximar as leituras entre os filósofos, como pelas distâncias teóricas heterodoxas que estão na base de ambos os posicionamentos e direcionamentos filosóficos. No entanto, pode-se apontar, à guisa da presente tarefa, que tanto Heidegger quanto Foucault convergem em suas perspectivas teóricas no tocante ao radical questionamento da concepção moderna da subjetividade (DUARTE, 2007, p. 1).



Foucault reconheceu, em um das suas últimas entrevistas, que toda a sua obra esteve ocupada com a questão do sujeito.³ Seu objetivo foi o de

(...)estabelecer uma história dos três processos de objetivação que transformaram os seres humanos em diferentes figuras da subjetividade: o sujeito definido como objeto de determinado saberes científicos, tais como a gramática geral, a economia e a biologia; o sujeito objetivado a partir de práticas divisionárias e de exclusão, por meio das quais se estabeleceu a oposição entre o louco e o são, entre o doente e o saudável, entre o criminoso e o bom rapaz; e, por fim, uma análise das práticas ou técnicas de si por meio das quais o ser humano se torna um sujeito. (DUARTE, 2007, p. 3).

3-FOUCAULT, M. “*Le sujet et le pouvoir*” in *Dits et Écrits*, p.223

Os textos que compõem o escopo da sua arqueologia e sua genealogia interessam-se por demonstrar a constituição de um sujeito atravessado por uma teia de discursos de saber e de relações de poder, perpassados pela subjetivação e pela produção do sujeito assujeitado. Nos seus últimos textos, e a partir deles, que Foucault faz um giro importante em direção ao reconhecimento de uma resistência ao que poderíamos chamar de processo de assujeitamento dos indivíduos pelas teias do poder-saber. Sua estética da existência representará uma forma de resistência às práticas subjetivantes e mostrará que o sujeito pode escapar aos discursos que os informam e atravessam seus jeitos, práticas, modos, de existir no mundo.

O cuidado de si, a relação consigo mesmo, do sujeito, será reconhecida por Foucault como uma dimensão irreduzível às relações de poder e às relações de saber (DELEUZE, 1998, p. 109, 113). Pensa-se que no seu percurso pelos meandros dos conceitos de governo e das tecnologias governamentais, onde aparecem tematizados o governo dos outros e o governo de si, surge uma distinção importante entre poder e domínio, por sua vez, o fenômeno da resistência vai ganhando um contorno interessante no tocante a um processo de resistência ao que poderíamos chamar de poderes que resvalam à maquinaria assujeitadora. Da mesma forma, a distinção entre dispositivos de verdade – ligada aos modernos processos subjetivantes, e os jogos de verdade – ligada ao processo de autoconstituição do sujeito (DUARTE, 2007, p.4), completam o giro de Foucault ao seu cuidado de si, passando o



mesmo a incorporar à sua ontologia anteriormente baseada no binômio poder-saber, agora poder/sabe/si-mesmo (cuidado de si).

Pode-se dizer que o “cuidado de si” tem como sua primeira característica um retorno a si mesmo, quando o sujeito sai do seu estado subjetivo de descuido e passa a ocupar-se consigo mesmo, o retorno a si mesmo (FOUCAULT, 2006). Cuidar de si deixa melhor a nós mesmos, pois um indivíduo zeloso de si mesmo, é capaz de cuidar não apenas de si, como dos outros e do mundo. A influência platônica encontra-se “não é a arte por meio da qual deixamos melhor qualquer coisa que nos pertença, mas a que nos deixa melhores a nós mesmos” (PLATÃO, 1975, p. 237). O sujeito ocupado consigo mesmo sai de um estado de subjetividade em que se ocupa de coisas que o dispersam, encontra-se diante de si. Não trata-se de um estágio egoísta ou narcísico, antes pelo contrário, pois é no mundo, na sua existência que o encontro se dá. Cuidar de si implica um duplo movimento, de um lado o sujeito retorna a si, encontra-se na sua centralidade existencial e governando a si mesmo, suas paixões, desejos, etc., direciona-se para o mundo, segundo movimento, criando, transformando, interpondo-se como um sujeito capaz de fazer de outro modo e assumindo um compromisso ético com o mundo e os outros sujeitos.

Na modernidade o “cuidado de si” foi substituído pelo “conhecimento de si”, sendo este suficiente para acessar a verdade. O período filosófico precedente à modernidade é caracterizado por Foucault como “espiritualidade”, traduzido como

[...] o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade. (FOUCAULT, 2006, p.19)

O sujeito é compreendido por Foucault como um sujeito ético em relação consigo mesmo e, portanto, capaz de transformar-se, modificar-se. Sujeito capaz de produzir e dar-se regras para agir eticamente no mundo, balizado pelo encontro com o seu mais genuíno encontrar-se. Em outras palavras, pode-se dizer que a ética em Foucault, ou o sujeito ético, é aquele que é capaz de direcionar a própria subjetividade reflexiva para reinventar e propor a própria vida. Pela “estética da existência”, consequência do cuidado de si, cada um pode deixar aparecer, trazer à luz o seu mais originário modo de existir, concretizando mediante um trabalho, uma obra sobre si mesmo.



Foucault não apresenta mais detidamente qual seria o estatuto ontológico deste sujeito capaz de resistir às práticas de poder-saber, que dono de si empreende uma jornada no mundo resvalando ao assujeitamento sem cara. Parece enveredar para o reconhecimento de que o cuidado de si implica um sujeito portador de certas propriedades universais capazes de apontar um caminho balizado por uma autonomia conformada ao entendimento. (Kant) A ética do “cuidado de si” consiste em um conjunto de regras que o sujeito dá a si mesmo e por meio das quais, promove, segundo seu desejo e vontade, um estilo de vida, a “estética da existência”. Muito embora o seu “sujeito-forma” (DUARTE, 2007), como ele aponta, não tenha sido tematizado ao ponto do seu estatuto ficar à descoberto, pode-se preferir qualquer análise que procure no cuidado de si de Foucault uma volta à ontologia tradicional. Sua crítica aos predicados e a existência de uma natureza humana ficaram demarcados mesmos nos textos e discussões em que aparentemente a questão da subjetividade não foi tematizada. Não há em Foucault um retorno à mônada fechada em si mesmo, mas “há a redescoberta final de Heidegger por Foucault” (DELEUZE, 1998, 115), ou seja, no cuidado de si pode-se ler o cuidado enquanto o ser/sentido do *Dasein* heideggeriano.

O sujeito é realmente livre, para Foucault, quando tem condições de governar a si mesmo, tem o domínio sobre seus desejos e possa fazer bom uso dos prazeres e temperança. Isso posto, pensar a liberdade em Foucault é pensá-la no caminho do cuidado de si, exatamente nas condições em que o indivíduo possa demarcar o seu próprio escolher aos ditames das práticas e saberes ditados por um coletivo que ele se esquivava. Liberdade é uma ética, portanto, que torna o indivíduo capaz de guiar sua própria vida. Por sua vez, Foucault mergulha nos gregos, no pensamento clássico, auscultando uma liberdade, que seria um poder saber fazer próprio, ponderando que a liberdade que deveria ser preservada e constituída era aquela da *polis*. Deve-se, notar, por oportuno, que neste *topos* histórico há um coletivo pautado pela relação do indivíduo consigo mesmo.

A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade (FOUCAULT, 1998, p. 74).

O indivíduo que é capaz de resistir ao domínio dos prazeres, dos desejos, e resistir às práticas subjetivantes, torna-se apto a exercer sua liberdade.



O SUJEITO AUTÊNTICO

O cuidado em Heidegger é “apreendido” como o todo estrutural do *Dasein* no mundo. Dá-se conta de si mesmo e relaciona-se com entes como ele mesmo é, preocupação, e com outros que estão disponíveis ou simplesmente existentes, ocupação. Aberto pela disposição da angústia diante da própria finitude, tonaliza sua existência como uma existência cuidadosa autenticamente, ou seja, responsável pelo próprio ser e pelos demais entes existentes e pelo próprio mundo. Falar em subjetividade em Heidegger implicará falar em um *Dasein* disposto no mundo, sem propriedades e sem uma natureza, mas um ser-no-mundo com outros e para a morte, em cuja angústia diante deste fato incontestável da finitude, tonaliza o existir como uma possibilidade autêntica de existir implicado pela existência dos outros. Ganha-se em meio à impessoalidade que na maioria das vezes o *Dasein* se encontra.

Heidegger não tematiza com muita clareza as implicações ônticas dispostas pela abertura autêntica de mundo, mas deixa indicado que o todo estrutural do cuidado se abre de forma diferenciada quando o sujeito (*Dasein*) é tocado pela angústia diante da finitude. É tocado ao ponto de relacionar-se de um modo implicado pelo outro e pelo mundo, em cuja ética pode ser compreendida como um *ethos* enquanto saber morar no mundo, a casa do ser do sujeito que tem que ser a si mesmo e cuja existência está sempre em jogo (*Dasein*). Enquanto compreender-se a si mesmo, o querer-ter-consciência é um modo de abertura do *Dasein*, que se projeta para suas possibilidades mais próprias como ser-no-mundo. E a angústia é o sentimento que corresponde a esta compreensão de possibilidade mais própria do ser-no-mundo, pois ela que abre o *Dasein* na “estranheza da sua singularidade” (ST, II, p. 85)

É no cuidado de Heidegger que Foucault encontra o repouso para uma resistência às práticas subjetivantes, pois é em tematizar o indivíduo como um sujeito capaz de assumir suas próprias possibilidades que oportuniza um dispor-se autônomo no mundo, ou seja, quando o sujeito pode recuperar a escolha sobre o seu acontecer no mundo.

Pensar pela ótica do cuidado de si, requer que recuperemos o *topos* em que o indivíduo se coloca como sujeito livre e em exercendo sua liberdade, construindo no coletivo novas relações onde as singularidades sejam respeitadas e não assujeitadas. Não menos importante, pensar que por meio do cuidado, os indivíduos podem efetivamente comportarem-se como sujeitos éticos a partir dos outros tantos que compartilham mundo, vida. O ser humano não é um ser acabado e sua subjetividade é constituída no acontecer, bem como seu próprio ser e sentido, assim, em direção a um horizonte de perspectivas abertas, constituir-se



como um ser no mundo em cuja autenticidade respeita todos os que são como ele, bem como o que são diferentes dele mesmo.

Pensar o mundo como um acontecer subjetivo, implicado pelo viés do cuidado de si, requer minimamente imaginar que não podemos fugir da dimensão política, ou seja, que a ação que se faz no social exige de nós um compromisso com o coletivo e será tão ou mais representativa da diversidade, quanto maior for seu escopo de autoridade partilhada e capacidade de enxergar e dizer muitos.

O ser humano só é livre se pode colocar-se no mundo em que outros vivem como sujeito de ação, significa que seja capaz de recuperar a escolha, ou seja, colocar-se no tempo do acontecer. Se de um lado o diverso pressiona os indivíduos e torna a casa mundo cada vez menos confortável, caberá ao *Dasein* autêntico recuperar a própria escolha e suas possibilidades.

Crê-se que Michel Foucault vislumbrou a tessitura do poder/acontecer/saber pelos meandros de um poder propositivo e ativo, praticamente inviabilizando um propor-se que já não seja determinado pelo intrincado jogo das práticas de poder/dizer, por outro lado, o cuidado de si é uma tentativa de garantir ao ser humano uma espécie de desejo final, ou seja, recuperar para si a própria escolha. Colocada em uma dimensão ética, recuperar a escolha é ter condições de pensar-se a si mesmo a partir do próprio tempo e assumir para si o compromisso de fazer de outro modo. Se fazer de outro modo pode ser limitado, implica, contudo, uma possibilidade.

(...) os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1984, p. 15)

O *Dasein* está implicado pelo impessoal, pelo ditame do coletivo, pautado por determinações, desejos e pensares, etc., mas poderá mostrar que novos discursos podem ser consolidados e por conta disso, novas práticas interpostas e mesmo que se tornem práticas velhas e vencidas, abrem novas perspectivas. Levam-se conosco práticas e sonhos já comprometidos para o contexto de um coletivo politizado, mesmo assim, o espectro das possibilidades é uma alternativa, desde que projetadas à luz de possibilidades que sejam próprias. Perder-se de si não será o caminho, caminho cada vez mais dado pelas vivências culturais e sociais contemporâneas, e o cuidado de si poderá apontar para uma retomada da



dimensão política como a condição mesma da liberdade ética, é alternativa a ser minimamente pensada e testada.

A subjetivação contemporânea (MIRANDA, 2000) se encontra inexoravelmente ancorada em dispositivos capitalistas, isso não significa o seu aprisionamento absoluto. É sempre possível resistir ao presente, escapar das modelizações dominantes, apropriar-se diferentemente do que nos é oferecido cotidianamente pela televisão, pelo cinema, pelo padrão, pelo cônjuge, pela escola ou pelo *outdoor*, pois “esse desenvolvimento da subjetividade capitalística traz imensas possibilidades de desvio e singularização” (GUATTARI; ROLNIK, 1999). Em suma, “é sempre possível atrever-se a singularizar” (DELEUZE, 1997; GUATTARI; ROLNIK, 1999).

O cuidado é o modo de ser do ser humano, é a condição humana por excelência, o ser-no-mundo revela-se como ser de cuidado. Quanto mais mundanos, menos cuidadosos (com o mundo, com os outros). O sujeito é um ser-no-mundo e pode-ser mundano, mas nada impede de que viver no mundo, com outros, seja construir uma casa que seja boa, justa e ética para todos. Neste aspecto considera-se que cuidar de si, como faziam os gregos, para tornar possível uma participação livre no coletivo, sem jamais deixar de ser um diferente, é um caminho para desterritorializar a indiferença da presença dos outros e enriquecer práticas e discussões público-políticas que levem em conta a garantia do múltiplo e de uma ética no mundo. Reconhecer que a liberdade é um saber morar com outros e zelar para que muitos outros possam viver e ser em liberdade. Liberdade sendo já, portanto, um compromisso ético com outros e com o mundo. Michel Foucault foi pedagógico ao destacar que o Cristianismo substituiu o cuidado de si pelo conhecer-se a si mesmo, demarcando o território do si como uma sesmaria íntima (palavras nossas) e não em relação ao mundo, a uma ética existencial.

As inúmeras apropriações e incorporações que o cristianismo fez da cultura filosófica grega e romana, o imperativo do cuidado de si, que fundamentava o pensamento desses dois primeiros séculos em questão, foi substituído pela ordem de conhecer-se a si mesmo, numa perspectiva de elaboração de verdade do sujeito pautada pelo pecado e pela culpa, numa relação de dependência e subordinação ao transcendente embasada na constituição da interioridade e na renúncia de si e do mundo. (BIRMAN, 2000)

O cuidado de si atravessado pela ética existencial é o clamor do ser humano que se faz no tempo das próprias escolhas, recolocando para o plano do mundo e das relações



estabelecidas com outros no mundo, a partir do contexto da finitude, uma dimensão subjetiva grávida do outro. O sujeito (*Dasein*) autêntico deve libertar-se da culpa originária e jogar-se no mundo, lugar de onde nunca deveria ter saído. Não trata-se, nem em Heidegger e nem em Foucault, de se alcançar e ou tratar de um imperativo moral, mas de recolocar a ética no contexto do mundo, como uma prática aberta no terreno da finitude e das possibilidades daí advindas com as implicações próprias da existência como o modo de ser.

A decisão é um modo privilegiado de abertura do *Dasein*, abertura que existencialmente se desvela como verdade originária. A verdade não é apenas qualidade do “juízo”, nem tampouco qualidade de um tipo de comportamento, mas um constitutivo essencial do ser-no-mundo, um existencial fundamental,. É por ser um ser-no-mundo que ao *Dasein* se torna possível ser um ser-verdadeiro, aberto para a verdade originária, enquanto um ser de desvelamento. O *Dasein* compreende-se originariamente porque o desvelar é um modo de ser-no-mundo e o que desvela são os entes. No encontro com os entes é o próprio *Dasein* que se desvela como aquele que exerce a função de descobrir. A descoberta dos entes se funda na abertura de mundo, e quem tem o caráter de abertura é o próprio *Dasein*.

Decidido o *Dasein* compreende seu caminho originário e autêntico. A abertura da decisão possibilita que o *Dasein*, o sujeito, possa compreender-se a si mesmo, encontrar-se naquilo mesmo que ele é, como também, abre originariamente ao ente privilegiado, o mundo e o ser-em. O *Dasein* é aclamado a ser si mesmo e esta aclamação para ser seu próprio ser é compreendida no modo da decisão. A angústia diante da morte abre o *Dasein* para sua compreensão mais própria, para o seu cuidado originário e autêntico. “Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito ao cuidado propriamente dito, ou seja, à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa, ajuda o outro se tornar, em seu cuidado, transparente a si mesmo e livre para ela” (ST, 174).

À luz de Heidegger, recuperar a escolha pode indicar ao sujeito compreender-se autenticamente, ser a si mesmo, implicado pelo mundo onde outros estão dados como condição básica do modo de ser do existente humano. À luz de Foucault, a resistência aos poderes subjetivantes pode indicar um colocar-se diante do mundo, assumindo o compromisso pelas transformações e modificações de si mesmo, dos outros e do próprio mundo. Foucault, como já referido, não tematizou com maior profundidade o estatuto da sua ontologia fundada na dimensão do poder/saber/cuidado de si, mas ao conduzir suas perspectivas pelo horizonte de um sujeito imprevisível e capaz de resistência às práticas subjetivantes, recoloca a escolha como uma possibilidade a ser recuperada pelos indivíduos. Heidegger, ao focar na existência o modo de ser do *Dasein*, existência que se faz no mundo, com outros e demais entes,



fundamenta o ser do *Dasein* como ser de possibilidades abertas pelo horizonte da finitude e que ao dispor-se como cuidado, pode possibilitar-se pelo caminho de um autêntico e genuíno cuidar do próprio ser, da sua relação com os outros no mundo, e do mundo, morada do ser. A autenticidade, o sujeito autêntico, que retira o *Dasein* da impessoalidade, tem implicações de ordem ética (NUNES, 1992, 121), porque solicita o *Dasein* para esta compreensão genuína e o abre em uma relação de compadecimento para com o outro que também morre.

A finitude, a autenticidade e a voz da consciência impõe ao *Dasein* a potencialidade de escolher autenticamente, de realizar contra toda inércia e mundanidade a possibilidade de ‘ser-para-o-seu-ser’, pois a tentativa de realizar a autenticidade, a capacidade resolutive do *Dasein* escolher a si mesmo, coloca o *Dasein* zeloso ao lado do que lhe é mais próximo e favorece o ser solícito com os outros. (STEINER, 1978, p. 92-93). A singularização do *Dasein* e a escolha pelas suas próprias possibilidades não separam o indivíduo da sua responsabilidade, mas ao contrário, fazem do *Dasein* um ente mais capaz de chamar a responsabilidade sobre si mesmo e capaz de se envolver eticamente com os outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BORGES, G. R. *Martin Heidegger e Michel Foucault: "Sorgen", "Selbst" e "Souci de Soi" na Constituição da Liberdade*. In: Revista da Faculdade de Direito da USP, 2006

DELEUZE, G. *Foucault*. SP: Brasiliense, 1988

DELEUZE, G. *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução de Luiz. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2001

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. V.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997.

DUARTE, A. M. *Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito autônomo e o sujeito constituído*. In: Revista Aulas – Ciências Humanas em Multimídia. UNICAMP, 2007.

FOUCAULT, M. *Dits et Écrits*, IV. Paris: Gallimard, 1994

FOUCAULT, M. *Modificações*. In: O uso dos Prazeres. RJ: 1984

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. RJ: Vozes, 1996, 4ª ed.

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1967.

MIRANDA, L. Subjetividade: A (des)construção de um conceito. In: JOBIM e SOUZA, S. (org) *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Ed.7 Letras, 2000. p. 29-46.

NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético: arte e poesia em Heidegger*. SP: Editora Ática, 1992

PLATÃO. *Diálogos*. Pará: Universidade Federal do Pará. 1975

STEINER, George. *As ideias de Heidegger*. Mestres da Modernidade. SP: Cultrix, 1978